

As fabulosas histórias da Tapada de Mafra

*Cristina
Carvalho*

Fotografias de
Naná Sousa Dias

Ilustrações de
Teodora Boneva

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA



Índice

INTRODUÇÃO

- O sagrado 11
- E sobre as árvores 14
- O grande espanto! 18

O PALÁCIO E A TAPADA DE MAFRA

- Origem e História 23

O DIA

- Venham pela mata, venham!
 Venham ver a luz da Terra! 33
- O portão do Jardim do Cerco 38
- Piqueniques e formigas 42
- A javalina Fifi 50
- Elvis, o bufo-real 55
- Treinos ao meio-dia 60
- O tempo parou mesmo aqui 64
- O veado bramando 68
- Descobrimo hastes 72

INTERMEZZO

- Cantemos! 79

A NOITE

Um passeio noturno pela Tapada 85

O velho lobo de Mafra, o caçador da noite 98

A noite dos pirilampos 107

Morcegos e mistérios 113

CUIDAR DA TAPADA 121

O FOGO E O RENASCER 125

AGRADECIMENTOS 131

CADERNO DE CAMPO

O sagrado

A verdade é que, estando nós prestes a penetrar nesta floresta e pensando que podemos aqui falar alto e bom som, rir à gargalhada e chamarmos uns pelos outros, não é verdade! Estranhas sensações comandam as nossas atitudes, todos os nossos gestos, todas as intenções. A floresta é densa, todas as cores existem aqui. O coração palpita quando a floresta exige, quando a floresta ordena. É aqui que o sagrado e as artes se reúnem para celebrar a vida e para respeitar a morte: a antiquíssima música produzida pelo vento ou pelas aragens ao escolherem as mais altas copas das mais altas árvores para as inquietar, produzindo ora assobios, ora variações de acordes longínquos ou próximos, doces ou aflitivos como o piar do pássaro, a brama do veado ou o aviso da tempestade; a pintura, com seus matizes variando com elegância e sabedoria nas quatro estações do ano, conferindo todas as cores possíveis ao chão, às plantas, ao céu, aos próprios bichos; a escultura da natureza a formar e a deformar, a diminuir ou a acrescentar particularidades aos ramos e aos troncos das árvores, às rugosidades das pedras e calhaus dos ribeiros, às hastes de alguns animais que caem ou não caem.



É como se estivéssemos a entrar num local de culto, num santuário misterioso, frio e quente, escuro e claro, algures, onde o imprevisto pode sempre acontecer. Avancamos pelo interior deste verde total como se caminhássemos pela nave central de um grande templo, ao mesmo tempo silencioso e murmurante. Percebemos, então, uma língua de luz estreita e fina, uma passagem para um outro mundo, iluminado por outra luz, aquecido por outro calor. A vida em centelhas, em pós cintilantes que se evolum no ar em espirais de luz e fumos esbranquiçados, poeiras que se escapam de fendas e buraquinhos aqui e além. São partículas animadas e parece que esvoaçam, acabando por desfazer-se em névoa que se arredonda e acena mesmo à frente dos nossos olhos. É chão de terra macia, debruado por árvores enormes com cabeleiras de verde, com corpos de troncos muito fortes, de braços abertos e amplos, sempre prontos a abraçar. E em cada braço de árvore correm rios de seiva e sangue e líquidos que alimentam e fazem vibrar todo o restante corpo das árvores.

Deveremos manter o silêncio para não perturbar a densidade da floresta e toda a sua vida. O respeito será sentido.

Olhando-a do caminho, a floresta exhibe várias espécies: o carvalho, o pinheiro-bravo, o sobreiro, os choupos, plátanos e castanheiros. Ainda os salgueiros, os freixos, as oliveiras e alguns eucaliptos. Estas são as árvores mais abundantes que equilibram este cenário aqui na Tapada de Mafra...

E sobre as árvores

Tudo sobre as árvores! Todas as árvores do mundo inteiro! Que posso dizer sobre elas? Protegem-nos, amparam e aquecem, podem esconder-nos, abraçar, alimentar e proteger! Uma só grande árvore faz uma casa inteira, tetos, chãos, paredes e móveis. Uma árvore pode ser uma arma, um utensílio, um abrigo. Também pode ser uma ameaça! Pode cair, pode ruir e desfazer-se por via de um raio, de uma faísca vinda da tempestade. Pode cair em cima de alguém, em cima de algum telhado, pode esmagar, pode matar. Quantas vezes já ouvimos dizer que, depois da tempestade, do vento e da chuva, caiu aquela árvore em cima daquele automóvel, esmagou o automóvel? Isto nas cidades, claro, nos sítios onde as pessoas param os automóveis, ao fim da tarde, quando chegam a casa, muitas vezes nos estacionamento que existem nos seus bairros, por debaixo das árvores.

E também nos ajudam a respirar, as árvores! Oxigénio puro pelos ares!

O frondoso freixo, o sobreiro generoso, as oliveiras, os carvalhos que sabem guardar todos os segredos, os choupos, tudo gente vegetal de porte incrivelmente digno, altivo, generoso. Quase todas estas árvores que acabo de

mencionar, para não falar de tantas e tantas outras, são monumentos intemporais, seres viventes desde todos os inícios, seres que nos protegem ao estenderem os seus enormes braços num amplo abraço de sombra.

E falando de árvores, há uma coisa que vocês podem não saber ainda. Vão cair de espanto! Estão sentados nos vossos sofás ou nas cadeiras preferidas, ou até podem estar deitados lá por dentro das vossas camas, mas vão todos cair de admiração. E, se não caírem, pelo menos abrirão bocas enormes em feitio de Ó redondo e profundo. Digo? Não! Por enquanto ainda não digo nada!

Vão ler mais um bocadinho sobre árvores e depois, então, direi.



Na Tapada de Mafra, nesse reduto de inacreditáveis cores, variedades de espécies vegetais e animais, quando passeamos ao fim da tarde, num morno fim de tarde, por caminhos de terra batida, sentimos cheiros. Cheiros intensos pelos ares. São cheiros extraordinários e, ainda que estranhos, fixar-se-ão para todo o sempre no nosso cérebro, num canto do cérebro, esse destinado aos cheiros. São as urzes do mato a invadir toda a atmosfera! Com as suas flores pequeninas cor-de-rosa, este arbusto aromático tem sido sempre preferido por todos os artistas dos perfumes, essas pessoas que se dedicam a criar novos aromas a partir das fragrâncias da própria natureza. Esses artistas descobrem pétalas, recolhem folhinhas tenras, retiram o casco dos troncos e aspiram de nariz no ar a atmosfera da floresta e depois, lá nos seus laboratórios mágicos com fornos e fogos e tubos e caixas, aqueles narizes experimentam, experimentam, misturam, dilatam as narinas, tudo num frenesim de descobertas e vão sempre cheirando e cheirando até atingir a improvável leveza dos aromas. O melhor aroma sobrevive sempre. É por esse trabalho de incrível sabedoria e conhecimento da natureza que depois, mais tarde, compramos, para aplicar nos nossos pescoços, nos nossos cabelos e na nossa roupa, vislumbres de clareiras, de moitas de flores, charcos largos de luar, madrugadas leves, algumas rosas colhidas em certas noites do verão. O cheiro da urze invade o caminho por onde andamos a passear neste fim de tarde. O cheiro da urze é subtil, delicado e transparente. Também muitas abelhas preferem as urzes! Talvez não saibam que muitos champôs e cremes do corpo e chás e tantos outros produtos têm como componente a urze! E quem diz a urze, diz as silvas dos silvados, diz as folhas dos regatos, diz papoilas, diz também musgos orvalhados.



No verão, quando a noite vai alta e o dia promete regressar, ainda muito ao longe, ainda de madrugada, quando os rouxinóis deixam de cantar nas encruzilhadas dos canaviais, se sairmos um pouco ao fresco do luar sentiremos o longínquo cheiro das urzes e das madressilvas que tanto abundam por ali naquelas matas como em qualquer mata de qualquer local neste país. E na Tapada há milhares e milhares de urzes por todo o lado!

O grande espanto!

Não te aproximes das árvores! Está a trovejar! Há relâmpagos, muitos relâmpagos e as altas árvores atraem o relâmpago, sugam-no na direção dos seus mais vigorosos ramos e troncos. Então, pode ser muito perigoso! Quantas árvores já viram completamente secas, de braços-ramos retorcidos, nem uma única folha viva? Muitas!

Quem gosta da paisagem da Terra, quem prefere um passeio pela floresta, quem pisa a terra batida dos caminhos dos bosques, conhece também as árvores mortas. E lamenta-as. E, normalmente, chora essas poderosas vidas que se perderam num instante, sem um grito, sem um lamento, dilacerados os corpos-troncos pela força de um raio, pela inevitabilidade de uma faísca.

Mas em dias bons que trazem a paz aos sentidos, esses dias que conduzem a noites intermináveis, noites de brilho, quando uma pessoa sai de casa disposta a caminhar pelas veredas iluminadas pela luz dos astros celestes, a vida tão intensa, o maior deslumbramento poderá acontecer quando nos sentamos a descansar um bocadinho, trémulos da caminhada, debaixo de uma árvore, acocorados na sua base, encostados ao corpo-tronco.



Vou dizer-vos o que pode acontecer e era isto o que eu queria dizer-vos lá mais atrás nesta história.

A vida corre, a floresta está em paz e é de noite. O céu, esse teto inimaginável e longínquo apresenta um todo escuro, mas ao mesmo tempo esbranquiçado pelos milhões de milhões de astros que estão tão perto uns dos outros, colam-se, tocam-se formando uma imensa tela pontilhada e brilhante. São as estrelas, os cometas, os planetas, as galáxias, tudo junto, tudo, tudo e tudo ainda que não se conhece, mas se imagina num fervilhar de pensamentos e todos, mas todos vocês deverão, pelo menos uma só vez na vida, experimentar.

Sentamo-nos, então, na base da grande árvore e olhamos o céu. Embasbacados e incrédulos, olhamos o céu sem nada perceber e a nossa cabeça, o nosso pensamento cansa-se de tanta interrogação. Mas é nessa altura de desvario celeste, quando muito descansados, sendo a paz perfeita, de repente e sem fechar os olhos nos sentimos

a rodar, a rodar, a rodar como rodam as estrelas por cima de nós. Sim! Sentiremos a rotação da Terra, é verdade! Sentimos a Terra a girar como gira o nosso pensamento.

Mas para que isto aconteça é preciso encontrar a tal floresta, a tal árvore, a tal noite, a tal paz.

Posso garantir-vos que isto é verdade. Gostaria que experimentassem, pelo menos uma só vez! E onde é possível estar à vontade e em sossego para que esta experiência aconteça com naturalidade? Não! Não é nas cidades, nem nos aglomerados urbanos onde existe a luz elétrica dos candeeiros, onde existe o ruído dos motores dos automóveis, onde existe um outro tipo de barulhos muito artificiais.

Para quem vive fora das cidades, é estar à vontade no alto de um monte ou numa clareira, árvore aqui, árvore ali. É a única maneira de nos isolarmos dentro e fora, perto e longe. Para quem vive perto de Lisboa, a mais bonita floresta, a mais animada floresta existe e está muito perto de nós: a Tapada de Mafra com toda a natureza para descobrir, desde os sons e a vida dos dias, aos sons da noite e da madrugada. Bichos e árvores e plantas e flores, riachos, montes e vales, tudo existe na Tapada, aqui mesmo, aqui ao lado!